

**GRUPO
DIVULGAÇÃO**

apresenta

Bailes



da Vida

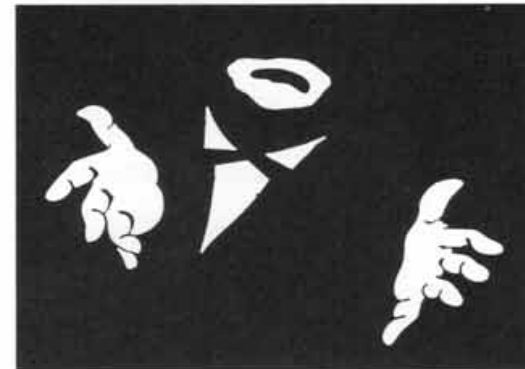
**GRUPO
DIVULGAÇÃO
2008**

José Luiz Ribeiro

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS
GRUPO DIVULGAÇÃO

42 anos de teatro para o povo
apresenta

Bailes



da Vida

José Luiz Ribeiro

Forum da Cultura
outubro e novembro
2008

Quem dançou, dançou

José Luiz Ribeiro

Esta é uma peça inconclusa. Ela não tem fim. Foi escrita num estilo fragmentado onde o tempo não é unitário, os espaços são vários e as ações diversificadas. Ela é um retrato do nosso tempo. Para entender estas *tranches de vie* temos que perceber que atrás de cada máscara social existe uma representação.

“Bailes da vida” nos remete a uma canção idealista da nossa juventude que dizia que “todo artista tem que ir onde que o povo está”. Mas os nossos bailes da vida não são de um tempo em que a utopia guiava os passos de uma geração que, saudosa dos anos dourados, buscava dividir o pão e os sonhos.

Neste nosso baile tudo dançou. A ética se dissolveu, a moral se relativizou e as funções sociais foram recobertas por um liberalismo egoísta que aponta para o individualismo. Darwin estava certo. A sociedade pós-moderna mostra a seleção natural, onde os mais fortes vencem e detêm o poder.

Nestas rápidas pinceladas, procuramos mostrar num painel os antagonismos de uma sociedade imperfeita. O viver campesino, solidário e afetivo invade o urbano onde a humanidade se diluiu no confronto das ideologias. O antagonismo entre classes sociais, velho e novo, dominado e dominante são

abordados num caleidoscópio onde imagens se formam e deformam.

Em um país onde o cinismo não tem mais a máscara da inteligência e a hipocrisia é moeda de troca no mundo político, o cidadão não sabe mais distinguir entre o bem e o mal. Deus passa a ser invocado impiamente, os falsos profetas anunciam uma visão celestial em troca de uma eleição para vereador. O público e o privado se fundem num quadro de natureza morta.

Não existe mais espaço para certezas. O modelo guia da sociedade, representado por seus altos dirigentes, fala e desfala num discurso errático, ao sabor do vento. Fotografar mil poses, ouvir mil falas sem coerência. O hoje não é consequência do ontem e nem pavimenta a estrada do amanhã.

Drummond nos diz: “Chega um tempo em que não se diz mais meu Deus Tempo de absoluta depuração. Tempo em que não se diz mais: meu amor. Porque o amor resultou inútil. E os olhos não choram.” Através do riso vamos, aos poucos, sentindo o amargor da realidade. O cotidiano nos invade e entre o choro e a gargalhada vamos editando a vida. Isso, editando, cortando momentos, lembrando de outros, amplificando ou reduzindo cenas. Esta é a forma seminal de entender a existência que flui nos embates do dia a dia. Respirando, sobrevivendo e sabendo que nos bailes da vida, a gente dançou.

A vida e seus bailes A cena e suas máscaras

Márcia Falabella

Bailes da Vida é mais um texto de José Luiz Ribeiro que dialoga diretamente com a realidade. Nesse salão, dançam personagens com suas máscaras sociais, deslizando alternadamente ao som de uma música que está longe de ser vanguarda. Uma melodia que se desenvolve no ritmo e na cadência de uma sociedade sem qualquer harmonia.

Não se trata de uma peça que se desenrola em torno de um conflito central. O que o espectador vai encontrar é uma narrativa construída em rede, pois esbarra em grandes e pequenos nós, ainda que avance para um desfecho. São vários núcleos que se entrecruzam definindo um painel da atualidade, seja discutindo questões sociais, questões políticas ou relações pessoais.

Nem comédia, nem tragédia. O que se vê é a combinação da trágica falência de modelos, que coloca em xeque a sociedade fragilizada frente ao caos que se instaura, e o riso que permite o olhar crítico, suavizado pelo impacto da graça, do deboche, da ironia. Rir é sempre o melhor remédio. Numa festa em que vale tudo, dance bem, dance mal, o importante é dançar e soltar as suas feras.

Trata-se de um texto enxuto, que permite o desenvolvimento da ação de uma forma dinâmica, em sintonia com a aceleração que vivenciamos no cotidiano. Na transposição da escritura para a cena, os elementos visuais acompanham o despojamento do texto. Dessa forma, a encenação dispensa os grandes cenários naturalistas e realistas, e trabalha com tablados que vão caleidoscopicamente formatando a ação, reduzindo a um mínimo denominador o uso de elementos plásticos.

Aqui, o dramaturgo e o diretor se encontram numa mesma dimensão. O despojamento estético é uma busca constante nas encenações de José Luiz, que deixa a cargo do ator a força central do espetáculo. No palco nu, são as máscaras de cada personagem que produzem um reconhecimento e a música passa a ser determinada pela sonoridade das inflexões dos comediantes.

Nessa perspectiva, a montagem de Bailes da Vida é um exercício de interpretação e ao mesmo tempo uma crônica jornalística de nossos dias. O palco torna-se assim, um espaço de discussão dos problemas que afligem nosso tempo, mas sem perder seu caráter de diversão. Uma espécie de catarse para continuarmos tentando entender e digerir os desastres do mundo pós-moderno, na esperança de que dias melhores virão.

Grupo Divulgação, uma lição de vida

Filipe Mostaro

Sonhar um sonho impossível. Superar limites através desse sonho, lutar para ser sempre mais e para que os sonhos se tornem realidade.

Criado em 1966 por alunos da Faculdade de Filosofia e Letras da UFJF, o Grupo Divulgação nasceu com o objetivo de ler peças teatrais e poesias. Com o tempo, ler somente não bastava, e por querer sempre mais, o Grupo passou a encenar as peças. Em 1972, o Grupo inaugurou o espaço no Fórum da Cultura de onde não saiu mais. Ao longo desses 42 anos de história, o Grupo apresentou obras de todos os grandes autores do teatro mundial. Mas como sempre buscava mais, passou a encenar peças próprias do Grupo, escritas por José Luiz Ribeiro. Foram vários prêmios nacionais que o grupo recebeu.

O Grupo Divulgação é um grupo amador. Para alguns, amador pode parecer que não é profissional e, por isso, ficar devendo alguma coisa. Mas amador quer dizer “indivíduo que pratica desporto por gosto e não para alcançar qualquer benefício”. Todos no Grupo Divulgação praticam o desporto teatro, por gostar dessa arte, apenas pela paixão. E quem pratica o que gosta com amor não deve nada a nenhum profissional.

Buscando sempre mais, o Grupo investe também na formação do ator total. No Grupo Divulgação, todos são voluntários. Todos ajudam na montagem do cenário e na confecção dos figurinos. São finais de semana inteiros para que a peça tome forma e chegue no dia da estréia pronta. Nesses finais de semana é que conhecemos mais um pouco de cada companheiro de cena, de cada integrante. Na maioria das vezes, passamos mais tempo com o grupo do que com os parentes. Não é à toa que muitos o chamam de “Família Divulgação”. Mas é realmente uma família, onde temos um pai,

mães e muitos irmãos e irmãs que assim serão considerados para toda a vida. Uma família dedicada a uma paixão: o teatro. Lutando pelo ideal de fazer teatro.

Por querer sempre mais, o ritmo de trabalho é intenso, nos 42 anos de existência o grupo já apresentou mais de 150 montagens. Algo raro para grupos de teatro não só no Brasil, mas no mundo inteiro. A experiência como ator num grupo com essa tradição e essa história é muito enriquecedora. Mas a mais importante é a experiência de vida, que cada integrante que passou por aqui leva para qualquer lugar e profissão: ética, compromisso e responsabilidade.

Hoje, ética e honestidade viraram uma qualidade rara e não uma obrigação de todas as pessoas, onde não existe mais o compromisso com nada. Essa é uma coisa que o cidadão que passa pelo Grupo Divulgação aprende, a ter compromisso. Compromisso com o horário, com o grupo, com o público, com a importância dos trabalhos sociais que o grupo realiza e que são fundamentais para trazer as comunidades para perto do teatro.

É difícil, porém necessário, mostrar esse caminho ao jovem de hoje, que infelizmente tem exemplos de quem mente, de quem não tem escrúpulo e de quem dá uma de esperto, de quem não tem compromisso, de quem não se apega a nada não tem responsabilidade e no final se dá bem.

Esta tarefa árdua, brilhantemente cumprida pelo Grupo, não forma apenas grandes atores, mas, o mais importante, forma cidadãos conscientes de seus deveres e não apenas de seus direitos e sabem que eles têm que estar em equilíbrio para que o mundo seja melhor. Estar no GD faz você entender que os sonhos são fundamentais e que mais importante que sonhar é lutar para que eles aconteçam. A experiência de fazer parte deste grupo mostra que o teatro muda realmente a vida das pessoas, porque muda sua forma de ver o mundo e pensar sobre o mundo. O Grupo Divulgação não é apenas uma escola de teatro, é uma escola da vida.

O público fala sobre o Divulgação

“Uma contribuição extraordinária para a cultura de todos nós - jovens e os não tão jovens...”

Mário Moraes, 74, radialista

“Trabalho exemplar na formação cultural do público de JF”.

Adriana Abrantes, 28, jornalista.

“Grupo de grande importância no movimento das artes cênicas em Juiz de Fora. Prefiro as peças de textos próprios a montagens de textos já conhecidos.”

Bruno Pontes de Castro, 24, estudante

“Um Grupo de tradição que há anos vem apresentando um trabalho de alto nível.”

Angélica Joppert, 26, atriz

O grupo Divulgação é uma referência em termos de teatro em Juiz de Fora.”

Marcello Frederico Scaldini, 38, professor

“É um dos maiores ícones da cultura juizforana, que exerce grande papel social e merece destaque pelos 42 anos em atividade e pelo legado deixado.”

Fernanda Nalon Sanglard, 24, jornalista

“Brilhante no exercício do teatro em Juiz de Fora.”

Regina Célia Barbosa dos Santos, 58, economista

“Grupo teatral de importância fundamental para a afirmação e desenvolvimento das artes cênicas no cenário cultural de Juiz de Fora.”

Ana Leticia Avelino Costa, 21, estudante

“Um grupo cheio de boas idéias, de atores sensíveis e criativos. Um grupo que aposta no dinamismo e na inovação.”

Flávia Travassos, 30, jornalista

Comentários sobre a peça Bailes da Vida

“É uma peça maravilhosa! Retrata a realidade política desse país de forma séria, mas cômica ao mesmo tempo.”

Uiara Raiara Vargas de C. O. Ribeiro, 21, estudante

“Um exemplo mais do que real das várias faces que a nossa sociedade possui, mostrando que enquanto uns caem na dança, outros lideram os bailes da vida.”

Andreza de Souza Fernandes, 19, estudante

“Uma leitura crítica da sociedade que deixa impune e premia a 'safadeza'. Excelente! Parabéns ao Divulgação!”

Edmárcia Alves de Andrade, atriz

“A ironia da peça na presença de alguns ilustres deixou tudo mais emocionante.”

Júlia Dias Möller, 18, estudante

“Gostei muito do alerta ao que é a política sem ética, falsa.”

Maria José Antunes, professora

“Simples, real, brilhante, de uma visão grandiosa de muito talento.”

Dulcinéia Lopes Veloso, 51, funcionária pública

“Ótima. Bem estruturada, passagem dinâmica dos tempos de forma suave.”

Jean Calil Kamil Theodoro, 13, estudante

“Excelente e muito bem construída”.

Dafne Valéria Lima do Nascimento, 20, estudante

“Maravilhosa! Crítica sutil envolvida por uma comédia ímpar!”

Adelaine M. Mendes Pereira, 19, estudante

“Retratou a nossa realidade na política, tudo acaba em pizza.”

Márcia Aparecida de Andrade, 42

Centro de Estudos Teatrais Grupo Divulgação

apresenta

Bailes da Vida

de José Luiz Ribeiro

Lúcio Lima
Lúcio Lima Júnior
Roberto
Carlos
Everaldo
Hortência
Gilda
Vó Beta
Domícia
Ernestina
Letícia
Crisalda
Neco
Cerimonial e Estela
Miriam
Jô

Tonimar Vaz
Filipe Mostaro
Breno Simonette
Vitor Knop
Júlio Andrade
Maiara Batista
Mariana Freitas
Márcia Falabella
Laila Rachid
Fátima Amorim
Luana Lazarini
Maria Thereza Umbelino
Maurício Ribeiro
Ana Helena Leitão
Amanda Giachetta
Amanda Antunes

Programa Sonoro
Sonotécnica
Figurino
Cenário, trilha sonora,
luz e direção

Jocemar de Souza
Bárbara Bisaggio
Malu Ribeiro

José Luiz Ribeiro

Apoio: Alice Magalhães, Anna Flávia Horta, Bruna Cipriano, Camila Carolina, Franciane Lúcia, Gláucia Reis, Giselle Clara, Jacqueline Glauber, Lorena Azevedo, Magno Almeida, Maria Cecília Barbosa, Raruza Keara, Rebeca Tamar, Tassiana Frank, Virgínia Fonseca e Wivian Cruzeiro.

ESPETÁCULOS ANTOLÓGICOS

Amor em verso e canção
Antologia da mulher
Nosso amor em verso e canção
Poemineiros

O homem do século XX
Amor em verso e canção II
Poemas operários
Versos e Cantigas

AGRADECIMENTOS:

Reitor da UFJF:
Prof. Henrique Duque de Miranda Chaves Filho

Pró-Reitor de Cultura:
Prof. José Alberto Pinho Neves

Funcionários e bolsistas do Forum da Cultura

Aos que, durante esses 42 anos, perceberam que
o teatro é expressão de cidadania e de resistência

Aos profissionais dos meios de comunicação que
acreditam que

“Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro.”
García Lorca